

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 1

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

INTRODUÇÃO — Pela REDACÇÃO.....	Pag. 1
SECÇÃO DE ARCHITECTURA :	
Bellas-Artes — <i>O Calvario</i> (Descripção da estampa d'este numero), pelo sr. M. M. BORDALLO PINHEIRO	» 3
Bibliographia — <i>Os Templos Romanos</i> (Capitulo d'um livro inedito), pelo sr. F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO (com gravuras)	» 4
Um artista portuguez, pelo sr. S. V.	» 6
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :	
Os dolmens (continuação), pelo sr. SÁ VILLELA	» 8
Primeiro congresso de archeologos portuguezes — <i>Citania</i> , pelo sr. S. V.	» 12
Historia portugueza — <i>Mumismatica</i> , pelo sr. HOOFT VAN IDDEKINGE	» 13
Habitações lacustres (<i>Across Africa</i> , 1877), pelo sr. S. V.	» 13
CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO.....	» 14
NOTICIARIO	» 15

INTRODUÇÃO

O nosso jornal vae começar n'este numero, o seu 2.º volume da 2.ª serie.

Não tem sido prospera, nem tão satisfatoria em todos os pontos a sua publicação, como poderia ser, e como desejariamos. Fazemos esta confissão franca, porque a nossa consciencia nol-o diz. Reconhecemos tambem que o nosso jornal, d'um costeamento importante em toda a parte, está sahindo relativamente carissimo no nosso paiz, na parte artistica dos desenhos, gravuras, photographias, etc. Tinhamos vontade de fazer algumas considerações a este respeito; mas deixal-as-hemos talvez, para outra occasião.

O preço do jornal é, consequentemente, elevado.

A sua extracção, talvez por isso, limitadissima.

Por emquanto, são impossiveis de remover estes inconvenientes.

Mas a parte litteraria, a que hoje mais particularmente nos desejâmos referir, e que poderia e deveria ser muito mais curiosa, variada e conspicua, é aquella em que entendemos que mais oportunidade e cabida deverão ter as nossas reflexões n'este momento.

O nosso jornal diz-se boletim d'uma associação, que conta no seu gremio bom numero dos nossos primeiros escriptores e artistas. De esperar seria que estes socios distinctos, honrassem as columnas do nosso jornal, que seu e de todos nós é, com algumas memorias ou estudos, nos assumptos de que elle se occupa. Não tem acontecido porém assim, pelo que respeita á maioria d'esses illustres socios.

Mas por não ter assim acontecido até hoje, por circumstancias que não poderiamos completamente attingir, nem devidamente apreciar, não poderá entender-se que assim continue sempre. Suppomos pelo contrario, que o exemplo d'alguns, a propria estima que de si devem fazer outros, e o galardão e o patriotismo de todos, terão alfim o poder de acabar com uma indiferença, que nada pôde justificar, encarada pelo amor da sciencia, da arte, das lettras e da patria.

O nosso paiz pôde gloriar-se da sua civilização, e illustração nas artes e nas lettras, desde os primeiros seculos da monarchia. Os lidos o sabem, e nos darão razão. Nenhuma nação, não sendo talvez a Italia, se poderá gabar de que n'esses tempos

nos levasse vantagem em taes pontos ; e algumas das que hoje se nos sobrelevam, eram-nos então inferiores.

Depois, ainda Portugal se fez admirar do mundo, pela organização da sua instrucção publica, pela sua distincção na architectura e na geographia ; e pela iniciativa dos seus commetimentos ; algumas vezes tambem pela sabedoria da sua politica e administração.

Não teremos por ventura retrogradado ; mas temo-nos desleixado, permitta-se a expressão. Desanimámos ante as iniciativas dos mais ousados, alguns dos quaes havíamos incitado. Deixámo-nos dormir, emballados pelo canto a que deramos o tom. Não parámos de todo ; mas deixámo-nos ir vagarosamente a reboque d'outros audazes navegadores, pelas correntes de que talvez lhes abríramos o rumo.

Se as evoluções do mundo moral, nos não permitem hoje occupar o lugar que outr'ora occupámos, a nossa illustração actual, que sem contradicção está a par das mais esclarecidas, não deve por mais tempo consentir-nos que deixemos vago o lugar, que temos jus e meios de occupar entre os letrados de todos os povos.

Não nos faltam talentos, nem estudo. Falta-nos a vontade, e a decisão. O nosso desânimo, affigura-nos d'acanhados. Representámos d'ignorantes, e não somos senão... negligentes.

Nos ramos de que o nosso jornal se occupa, ha muito e importantissimo entre nós para fazer. Façamol-o, e adquiriremos a estima e a consideração do mundo. Se de nós só depende fazel-o, porque o não faremos?

A imprensa, bem superior e melhor do que a Fama da Mythologia, póde dar ao mundo noticia de nós. Recorrámos pois á imprensa, que ella nos fará conhecidos, e obrigará o mundo a fazer-nos a justiça, que pelo nosso silencio nos desconhece, e pela nossa incuria nos recusa.¹

Por amor d'estas considerações, que melhor do que nós saberão fazer aquelles que nos comprehen-

derem ; rogámos e esperámos dos nossos consocios, e de todos os portuguezes a quem estas coisas importem, que nos auxiliem na continuação do nosso jornal com o auxilio dos seus escriptos, das suas noticias, e dos seus conselhos ; com a concorrência em summa, das suas luzes e protecção.

O nosso jornal já está hoje conhecido por muitos sabios, e academias da Europa ; e está sendo citado e annuciado por algumas publicações das mais importantes, da sua mesma natureza. Deixal-o morrer, ou matal-o, seria desdoiro para o paiz. Deixar de enriquecel-o, ou descural-o, seria fazel-o esquecer, quem sabe se menosprezal-o ?

Obviemos taes resultados, que nos seriam dezar...

Emquanto esperarmos, pouco mais interesse poderemos só por nós, dar a esta publicação. Procuraremos comtudo tornal-a quanto nos for possivel, variada, interessante e noticiosa.

Entendemos dividir o nosso jornal em tres secções : *Architectura, Construcções e Archeologia* ; tendo além d'ellas uma chronica da nossa associação ; uma parte destinada ás noticias que interessem aos assumptos de que o nosso jornal se occupa ; e ainda outra parte para variedades (quando ser possa), relativas aos mesmos assumptos ; contando nós começar esta parte pela publicação d'um extracto das *Voyages de Balthazar de Monconys en Portugal*, 1628 e 1645, livro hoje raro, e extracto feito e devido á obsequiosa affeição pela nossa associação, do illustre archeologo o sr. conde de Marsy. Ao qual igualmente devemos, importantes notas do que a respeito do nosso paiz se tem escripto em França, e a respeito de Portugal se encontra pelas bibliothecas e archivos francezes. Publicaremos tambem algumas d'essas notas, mais interessantes.

D'hoje em diante o nosso jornal se encontrará á venda no Museu Archeologico do Carmo, e na loja dos srs. Ferreira & C.^a na rua Aurea, em Lisboa ; onde se receberão assignaturas, e encomendas para numeros avulsos, quando os haja, e para as collecções da 1.^a serie, e do tomo I d'esta 2.^a serie.

48 — 3 — 1877.

A REDACÇÃO.

¹ O *Polybiblion* de fevereiro d'este anno, dando noticia na sua Parte-litteraria, da publicação da *Academia*, novo jornal hispanhol, diz o seguinte : «Le Portugal, dont nous ne connaissons pas assez la situation intellectuelle, paraît devoir tenir une place importante dans le nouveau recueil.» (!)

2.^a SERIE

BOLETIM

Nº 1-2º TOMO

Da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos
Portuguezes



HENRIQUE NUNES Phot

ESTAMPA 19º

Baino & C.

— 1877 —

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

BELLAS-ARTES

O CALVARIO

Baixo-relevo existente no Museu d'Architectura e de Archeologia, do Carmo, em Lisboa ¹

No seculo xv ainda se receiava que as composições d'arte religiosas, denunciasssem alguma procedencia pagan. O rigor da fôrma ainda não era admittida nos quadros biblicos. As imagens não deviam ter o minimo cheiro do paganismo. E sobretudo, aspirava-se á expressão religiosa do aspecto. O Redemptor, a Virgem e os apóstolos, eram representados simplesmente, como figuras expressivas do sentimento que lhes era proprio. Não se queria estudar a correcção da fôrma; não tanto pelo atrazo no conveniente conhecimento da arte, como principalmente, porque os pagãos haviam sido artistas.

A Italia produzia ainda, conforme as inspirações de Cimabue, ou dos primeiros artistas gregos, que para ali haviam trazido a eschola bysantina. Os mesmos allemães, Van-Eyck, e tambem o nosso Gran-Vasco, seguiam a mesma senda.

Grandes genios appareceram porém, no fim do seculo xv, e nos principios do seculo xvi, os quaes, comquanto ainda dominados por aquella influencia, exhibiram obras admiraveis; pretendendo já desligar-se do estylo secco da idade media. Foram d'entre estes, Leonardo de Vinci, e os grandes Rafael e Miguel Angelo. Estando reservada para este, a gloria de ser o primeiro a alliar o grandioso com as composições d'arte; e para Julio II e Leão X, a gloria de darem impulso e protecção ás artes; e mandar proceder a escavações, e descobrir preciosidades que se achavam occultas, e eram obras admiraveis dos antigos romanos.

A superioridade dos Pontifices, e a sua auctoridade religiosa, deveriam provavelmente concorrer em grande parte, para que as estatuas antigas comesçassem a ser encaradas como bellas obras de arte; abstrahindo d'ellas toda a idéa de divindades pagans, e fazendo-lhes perder o odioso de figuras de demonios, como todavia a gente rude acreditava.

Foi então que se começaram a apreciar as obras da antiguidade; foi então que começaram estas a ser examinadas e estimadas, e se desenvolveu com enthusiasmo o gosto pelo antigo. Sobre o estylo

romano formou-se um novo estylo, a que se deu o nome de *renascença*. Renasceu a arte, condemnou-se o gothico; e alliou-se a expressão e o sentimento com a belleza das fôrmas. Rafael foi seguramente quem melhor comprehendeu e executou esta reforma.

O estylo da renascença veio juntar de flôres as obras do fim do seculo xv, e começo do seculo xvi; veio suavisar a secura dos differentes estylos da idade media, e campeou mimoso e delicado como a alma do grande Rafael. Era um estylo filho das graciosas decorações dos tumulos romanos: veio espalhar pelo mundo, obras de um trabalho elegante e fino.

Mas a severidade de Miguel Angelo, e o grandioso d'este vulto, promovendo a admiração do mundo inteiro, venceu depois. E d'ahi a poucos annos, os mimosos ornamentos da renascença, tiveram de ceder ao magestoso do Vaticano!

Quando as cousas chegam á meta que lhes marcou um grande genio, é inutil querer progredir. Á grandeza do Buonarrote seguiu-se a exaggeração de Bernini, e com ella veio a decadencia da arte. ¹

É aos fins do seculo xv que pertence o baixo-relevo que vamos descrever, e que veio de Roma, trazido pelo ultimo marquez de Marialva, a quem o Summo Pontifice o dera de presente. Hoje pertence ao casal do defunto duque de Loulé.

Representa este trabalho o Calvario. Está esculpido em calcario rigissimo, de uma côr amarellada; e tem de altura 0,82, sobre 0,72 de largura.

O Redemptor está pregado na cruz entre o bom e o mau ladrão, que estão ligados ás cruces lateraes. O centurião acavallo, empunha a lança com que se destina a rasgar o peito do Divino Mestre: e no baixo do quadro vê-se a SS. Virgem desfallecida, amparada por S. João Evangelista e Santa Maria Magdalena. As outras Marias acompanham este grupo, assim como mais tres figuras de apóstolos. Ao lado direito da Virgem e mais atraz, vê-se um guerreiro tambem acavallo, como o centurião, seguido por um homem da raça africana. A composição levanta-se sobre um fundo que representa

¹ Isto que digo relativamente a Bernini, não é porque não o considere um grande artista; mas porque o julgo auctor das exaggerações, que trouxeram o *barroquismo*; e as quaes faltando, por *systema*, ao estudo do antigo e do natural, encheram o mundo de figuras em posições contrafeitas, e de columnas tôrsas, fugindo da singeleza e grandioso do antigo.

¹ Descripção da nossa estampa d'este numero.

Jerusalem, e que se descobre pelo rôto de uma especie de proscenio, sustentado por columnas do estylo da renascença. Todo o quadro consta de dezenove figuras, além dos crucificados.

A figura do Redemptor é primorosamente trabalhada. A expressão da Virgem é magnifica. Assim como são bastante expressivas as physionomias das outras figuras, que completam o quadro. E se o desenho dos cavallos, e mesmo o das personagens, se resente um pouco do secco, e das incorrecções do estylo gothico, divisam-se comtudo n'esta obra recordações da primeira maneira de Rafael ou de Pedro Perugino; dando perfeita idéa da epoca e do estylo d'estes dois mestres, nos annos anteriores ao apparecimento das grandes obras de Miguel Angelo. Não apresentam pois o grandioso dos trabalhos d'esse estylo, que, porventura mais modernas, apresentam outras composições artisticas existentes em Portugal; taes como os retabulos do claustro de Santa Cruz de Coimbra, e as capellas lateraes da Sé velha da mesma cidade, obras estas de puro estylo da renascença; mas despidas já de todas as recordações gothicas, e por isso de estudo mais correcto e grandioso.

O baixo-relevo de que tracto, tem, apesar d'isso, qualidades que o tornam apreciavel. Representa uma epoca: e é obra digna de figurar artisticamente, como um dos bons trabalhos que adornam o Museu da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

O Socio,

M. M. BORDALLO PINHEIRO.

BIBLIOGRAPHIA

NOÇÕES ELEMENTARES DE ARCHEOLOGIA

POR

J. P. NARCISO DA SILVA

É a todos notorio o patriotico empenho, com que, ha muitos annos, lida o sr. J. P. Narciso da Silva em promover os estudos archeologicos em nosso paiz.

São, geralmente, conhecidas as diligencias, com que tem procurado colligir no Museu do Carmo as reliquias venerandas dos monumentos, que tem logro salvar das furias do vandalismo.

Devemos-lhe profundo reconhecimento os que presamos as Bellas Artes, pelos inestimaveis specimens, a que deu guarida n'aquelle modesto asylo.

De ignorancia e bruteza deriva o desamor e desprezo, que entre nós se tem manifestado pela conservação de tantas preciosidades archeologicas, que possuimos; malbaratadas umas por vilissimo preço

a estrangeiros, aniquilladas outras pela mais desastrada selvageria.

Propoz-se o sr. Silva desterrar a ignorancia, e amaciar a bruteza da nefanda seita dos demolidores, que, infelizmente, ainda por ahi pullulam, vulgarizando as *Noções Elementares de Archeologia*.

Temos presentes as nove primeiras folhas d'esta obra, comprehendendo cento e vinte e duas paginas, impressas em caracteres nitidos, e optimo papel, e illustradas com numerosas gravuras.

Tracta no capitulo primeiro dos *tempos prehistoricos*; é epigraphe do segundo, a *era gallo-romana*; o terceiro inscreve-se: *idade media — era roman*.

Peza-nos que o sr. Silva, ao tractar no primeiro capitulo dos *dolmens*, se não referisse á excellente memoria, que sobre o assumpto publicou em 1868 o sr. Dr. F. A. Pereira da Costa.¹ É copiosa em noticias d'estes monumentos dispersos em nosso paiz, e enriquecida com muitas gravuras.

Quizeramos, tambem, que no segundo capitulo mencionasse o Theatro Romano descoberto em Lisboa, na excavação da rua nova de S. Mamede, perto do castello, cujo proscenio e orchestra fôra dedicado a Nero.

Acham-se representadas as mais importantes peças d'esta famosa antigualha nas dez estampas, que acompanham a *Dissertação Critico-Philologico-Historica* sobre este monumento, publicada em 1815 pelo professor Luiz Antonio de Azevedo. Quer-nos parecer, que, a par do Templo de Diana em Evora, podia figurar condignamente o Theatro Romano de Lisboa.

Podia, tambem, quando trata dos monumentos sepulchraes, mencionar alguns dos objectos achados no Cemiterio Romano descoberto proximo da cidade de Tavira, em maio de 1868, pelo sr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão,² dos quaes no mesmo anno publicou o relatorio com estampas.

Referindo estes importantes trabalhos, não só prestava o sr. Silva uma especie de galardão a seus auctores, contribuindo para serem mais conhecidos; mas dava uma prova irrefragavel de que, se não é tão geralmente cultivada entre nós a Archeologia, como em outros paizes, nem por isso escasseiam absolutamente os amadores d'estes difficeis estudos.

¹ Veja-se nas memorias do congresso internacional de Anthropologia e Archeologia prehistorica em Bolonha, na sessão de 6 de Outubro de 1871, pag. 333, o elogio que o mesmo architecto Silva teceu ao sr. Dr. Pereira da Costa, pelos seus trabalhos archeologicos.—N. da S.

² Veja-se o n.º 10 da 2.ª serie do Boletim architectonico e de archeologia pag. 140, a proposta do mesmo architecto Silva para serem conferidas duas medalhas de bronze aos srs. Drs. Filipe Simões, e Carlos Teixeira de Aragão: ao primeiro pela sua excellente obra sobre architectura do seculo XII em Portugal; e ao segundo pela sua importante publicação sobre a archeologia (numismatica).—N. da S.

Ao continuar a materia encetada no capitulo terceiro, cremos que o sr. Silva aproveitará os subsidios, que sobre as *Reliquias da Architectura Romano-Byzantina em Portugal* lhe ministra o sr. Dr. Augusto Filippe Simões, na valiosa memoria que com este titulo publicou em 1870.

Merecerá, por ventura, capitulo especial a *Archeologia christã portugueza*, representada por varios templos dignos de commemoração, e outros monumentos accessorios, como pias baptismaes, cadeiras de côro, ornamentos e utensilios sagrados.

São, na verdade, recommendaveis as cadeiras do côro do templo de Belem, as do côro de Santa Cruz de Coimbra, e o seu pulpito, a pia baptismal da sé cathedral d'esta cidade, etc., etc.

São, tambem, dignos de menção os baculos e calices da sé metropolitana d'Evora, as cruze e calices da sé de Coimbra.

Havia na chamada *casa da obra* d'esta sé, um calix de ouro macisso, e diversos de prata dourada, com labores exquisitos, e de mais valor artistico, se não erra o nosso juizo, do que outros conhecidos. Guardava-se n'esta *casa* uma grande cruz de prata dourada, com que mal podia um homem, notavel pelos delicados labores, que a ornamentavam, no mesmo estilo dos celebrados labores do retabulo da capella-mór da sé velha, em madeira.

Usamos fazer estes reparos e indicações ao Sr. Silva, esperando que nol-os receba com benevolencia. Dicta-os o sincero empenho de que a primeira obra, que em Portugal se publica sobre tão importante assumpto, corresponda aos creditos, que seu auctor grangeou por outros escriptos, pelos quaes tem merecido honras distinctas das mais celebres academias estrangeiras.

Portalegre, 20 de Fevereiro de 1877.

F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.

OS TEMPLOS ROMANOS

(Capitulo d'um livro inedito ¹)

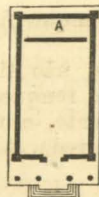
Duas formas eram consagradas para estes edificios religiosos — a quadrilonga, e a circular. Seguiam mais geralmente a primeira.

Os templos receberam diferentes denominações, conforme a disposição das columnas que os decoravam; distinguindo-se pela seguinte maneira:

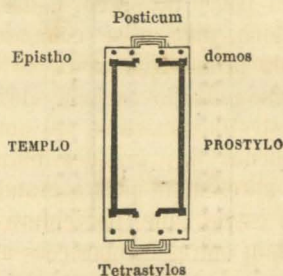
Os templos com *pilastras* — os *prostylos* — os *amphiprostylos* — os *peripteros* — os *dipteros* — os *pseudo-peripteros* — os *hypethros* — os *monopteros*

Os primeiros não tinham senão *pilastras* nos cunhaes da frente, e só uma columna de cada lado do portal.

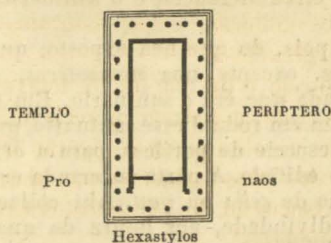
¹ São as NOÇÕES ARCHEOLOGICAS, a que se refere o artigo bibliographico que acima se lê, e o qual brevemente sairá á luz.



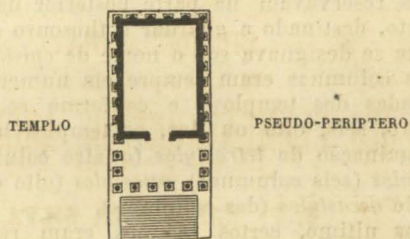
Os templos *prostylos* apresentavam *quatro* columnas na fachada anterior, e não tinham nenhuma aos lados, nem na parte posterior.



Nos templos *peripteros*, as columnas rodeavam completamente o edificio; sendo em numero de *seis* nas fachadas anterior e posterior.



Os templos *pseudo-peripteros* differenciavam-se dos antecedentes em que as columnas estavam mettidas nas paredes lateraes e na parede do fundo, em lugar de ficarem separadas.



Duplo renque de columnas rodeavam os templos *dipteros*, oito das quaes ornavam a fachada.

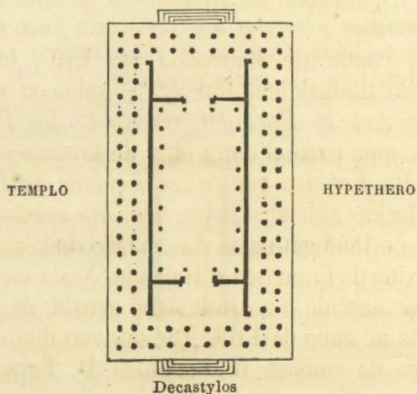
Nos templos *peripteros redondos*, as columnas formavam um circulo em roda das paredes, e eram cobertos por uma cupula.



Os templos *pseudo-dipteros*, ou *dipteros incompletos*, differenciavam-se dos precedentes, em que as co

lumnas do segundo renque ficavam mettidas na parede.

Os templos *hypethros* não tinham cobertura, e compunham-se de dois renques de columnas em roda d'elles exteriormente, e um só renque o ornava internamente em roda. As fachadas representavam *dez* columnas.



Finalmente, o templo *monoptero* apresentava simplesmente a cupula sustentada sobre columnas, dispostas em circumferencia, e o santuario não era fechado.

Resulta pois, do que fica exposto, que em todos os templos, excepto nos *monopteros*, havia uma parte fechada que era o santuario. Em muitos templos corriam em roda d'esse santuario, galerias abertas, como especie de porticos, para a ornamentação interna do edificio. A parte encerrada era designada sob o nome de *cella* ou *nau*. Ahi collocavam a estatua da divindade, em honra da qual o templo fôra erigido.

Na frente da *cella*, e por detrás das columnas da fachada, estava o *pronaos* ou vestibulo, no qual abriam a porta da entrada: á extremidade opposta do templo dava-se-lhe o nome de *posticum*. Algumas vezes reservavam na parte posterior da *cella* um quarto, destinado a guardar o thesouro do templo, e que se designava sob o nome de *opisthodomos*.

As columnas eram sempre em numero par, nas fachadas dos templos; e conforme se contavam quatro, seis, oito ou dez, os templos tomavam a denominação de *tetrastylos* (quatro columnas), *hexastylos* (seis columnas), *octostylos* (oito columnas), ou de *decastylos* (dez columnas).

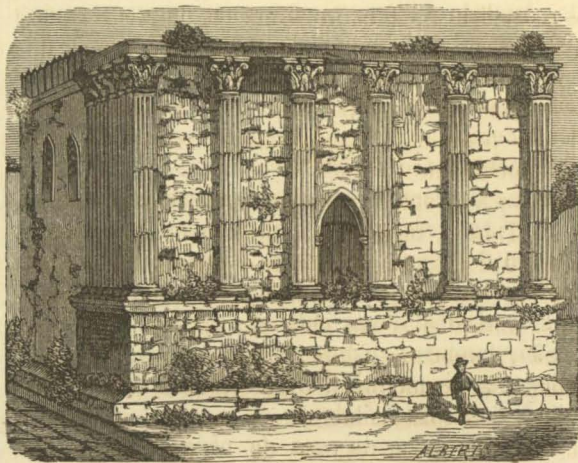
Por ultimo, certos templos eram rodeados de uma cerca (*peribolos*); ou antecidos de pateo fechado, e ornados com porticos, á roda do qual estavam os aposentos dos sacerdotes.

A estatua da divindade, feita de bronze, marmore ou pedra, collocava-se no fundo da *cella*, em pedestal um pouco mais elevado que o altar, e fazia face á porta da entrada. Em geral, os templos ficavam voltados para o oriente, como acontece ás egrejas christãs.

Não se deve julgar que os templos fossem muito vastos; alguns d'elles tinham até pequenissimas dimensões, e isso explica-se facilmente pelo conhecimento dos usos religiosos antigos, porque o exercicio do culto era individual; cada um tinha dias proprios para o sacrificio; enquanto que no christianismo o exercicio do culto é colectivo.

A disposição do templo de Diana em Evora, que

felizmente se conserva em Portugal, apresenta-nos um exemplo d'essa ordem de edificios do antigo paganismo, que era designado sob o nome *pseudo-peptero*.



TEMPLO DE DIANA EM EVORA

UM ARTISTA PORTUGUEZ

FRANCISCO D'HOLANDA

LIVRO DE DIBUJOS INÉDITO DE FRANCISCO D'HOLANDA. Com esta epigraphe publicou o sr. D. F. M. Tubino, um curioso artigo no n.º 9 (4 de março de 1877) do mui interessante jornal hispanhol *A Academia*, acompanhando uma gravura, cópia d'um desenho feito á penna pelo nosso artista, representando a estatua do imperador Constantino.

Conserva-se (diz o sr. Tubino), na magnifica Bibliotheca do Escorial, um livro de desenhos todos ineditos e originaes, devidos á penna ou ao lapis do eminente artista cujo nome acima se lê.

Consta o livro de 54 folhas de grande formato, com 144 desenhos, alguns d'estes coloridos, lendo-se n'uma portada a seguinte inscripção: *Reinando em Portugal el-rei João III que Deus tem, Francisco d'Olanda passou á Italia e das antiquilhas que viu retratou por sua mão todos os desenhos d'este livro.*

«Come se advierte (continúa o illustre escriptor hispanhol), la coleccion forma una verdadera joya artistica, que hasta hace poco era conocida solamente, de algunos muy contados aficionados. Con la mira de salvar-la del olvido y aun de perderse en más ó menos largo periodo, publicamos respecto de ella las noticias suficientes, en la monographia que al diligente Holanda consagramos en el volumen VII del *Museo Español de Antiquedades*... De los dibujos contenidos en la obra, solo se han dado á luz, que sepamos, el retrato de Miguel Anjel Buonarroti, que insertó *El Arte en España*, el monumento veneciano del Colleone, um dibujo, copia de una

estatua mitologica... y el famoso facsimil de otro dibujo a la pluma, que campea al frente de este numero.

«Debil muestra de lo que es la coleccion, parecenos justo llamar de nuevo sobre ella la atencion de los gobiernos de España y de Portugal, y principalmente de la Academia de Bellas-Artes lisbonense, que en nuestro sentir haria un servicio á la historia del arte peninsular, dicidiendose á reproducir tan bello monumento».

Estes paragraphos, o que se segue, e todo o artigo do sr. Tubino, merece o agradecimento dos portugueses. Foi uma illustração de Portugal, que o distincto archeologo e escriptor, procurou por duas vezes, uma d'ellas em obra tão notavel como é o *Museu Español de Antigüedades*, roubar ao esquecimento; excitando agora o governo e os artistas do paiz onde Francisco d'Holanda nasceu, a dilatarem-lhe a fama, e restaurar-lhe o nome. E não é porque faltem em Hispanha artistas eminentes, a quem possam applicar-se os valiosos elogios do conhecido escriptor; é decerto porque o seu manifesto amor pela arte lhe suggere distinguir os artistas illustres; de qualquer nacionalidade que sejam.

Mas o nome de Francisco d'Holanda tem sido sempre sympathico em Hispanha. E tambem o foi a um estrangeiro illustre, que indagou de nossas riquezas artisticas, mais do que nós mesmos jamais haviamos feito.

Na obra hispanhola: *Diccionario de los mas ilustres profesores de las Bellas-Artes en España, compuesto por D. Juan Agustín Sean Bermudez y publicado por la Real Academia de S. Fernando, Madrid, 1800*, se tracta, com individuação de muitos pontos, do merito artistico de Francisco d'Holanda, e se lhe fazem os devidos elogios; proclamando-o inventor na peninsula da arte de pintar em miniatura; ao mesmo tempo, e antes de ter visto os trabalhos da mesma natureza de Clovio, em Roma. O seu livro *Da Pintura antiga*, com outro: *Retrato do natural*, foi traduzido em castelhano em 1563, e conserva-se na Real Academia de S. Fernando, instituição, como é sabido, de Filipe V a favor da pintura, da esculptura, e da architectura.

Da-se mui acertada conta d'essa obra no citado Diccionario, a qual tem por ser a melhor que existe no idioma hispanhol, y acaso excederá á las que hay en otros sobre la materia, por lo que debiera imprimirse para instruccion y adelantamiento de todos los que siguen las bellas artes. E tambem dá noticia das outras obras do mesmo Francisco d'Holanda.

Mas já haviam feito menção *Da Pintura antiga*, e do *Livro dos debuxos*: Campomanes do primeiro, e Pons do segundo, citados por Monsenhor Ferreira Gordo, em 1791, que viu em Madrid o *Livro da*

Pintura antiga, e dá noticia especificada do *Livro dos debuxos*.

Em 1866, o sr. Villa-amil pediu á nossa Associação uma copia daquelle livro de Francisco d'Holanda, que se acha na nossa Academia Real das Sciencias. Copia que lhe foi enviada, para ser de novo traduzida, e publicada na *Bibliotheca* da obra *A Arte em Hispanha*.

O sr. conde de Raczynski em 1846, tambem havia feito traduzir em francez, e publicou na sua obra *Les Arts en Portugal*, o livro 2.º *Da Pintura antiga*, e uma parte d'outra obra de Francisco d'Holanda: *Da Fabrica que falece á cidade de Lisboa*.

O fallecido abbade Castro, lêo, em sessão de 21 de julho de 1868, na nossa Associação, uma memoria sobre a vida de Francisco d'Holanda. Nesta memoria, se diz ter nascido o nosso insigne artista, na cidade de Lisboa no anno de 1518. Ter sido cavalleiro-fidalgo, moço da camara dos infantes D. Fernando e D. Affonso, filhos d'el-rei D. Manuel: haver feito algumas miniaturas para um breviario de D. João III; e que por este monarcha fôra enviado á Italia em 1537. Que em Roma estudára architectura, e copiára as ruinas d'esta antiga cidade, não só desenhando-as; mas medindo-as. Que em onze annos de viagens, visitára varias terras d'Italia, França e Hispanha, e regressara á patria em 1548. Que fôra versado nas linguas grega e latina; e o primeiro que em Portugal escrevêra sobre bellas-artes. Dá noticia de varios escriptos e obras artisticas de Francisco d'Holanda, além das mais conhecidas, como: um projecto para um chafariz monumental no Rocio; alguns quadros, entre estes o do baptismo de S. Agostinho, possuido pelo sr. conde de Penamacor: e *Christo-Homem*, escripto acompanhado de desenhos. Que o nosso famoso artista falecêra a 19 de junho de 1584, retirado da côrte, e *attenuado pelas vilezas da intriga*, n'uma casa de campo entre Lisboa e Cintra. E que Philippe I concedêra uma pensão á viuva do notavel artista-escriptor.

Agora espera-se, conforme a resolução ha pouco tomada pela Academia Real das Sciencias (e pela terceira vez!), que as obras de Francisco d'Holanda vejam emfim a luz publica; que bem dignas são d'isso, *pela sua doutrina, pureza e propriedade de locução* (no sentir de Monsenhor Ferreira Gordo). E muito seria para desejar, que fossem *todas ellas*: e que a nossa Academia das Bellas-Artes, como tão louvavelmente lhe lembra o sr. Tubino, procurasse reproduzir tambem o *Livro dos debuxos*; quando não fosse pela gravura, ao menos pela photographia, n'um album para esse fim apropriado.

S. V.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

OS DOLMENS

(Continuado de pag. 183 do tom. I)

A epocha da construcção dos dolmens, é geralmente attribuida pelos archeologos, á segunda idade da pedra (neolithica). Mas não me parecé, que tal epocha assim possa absolutamente fixar-se. Um periodo universal de costumes identicos, não póde admitir-se em tempo nenhum, como ainda o comprova o nosso tempo. Tal epocha pois, terá forçosamente de ser relativa a algumas regiões, em que n'essa idade se construíam dolmens.

O que seria então, que ao mesmo tempo se passava nas demais partes da terra habitada? O synchronismo prehistorico, parece-me impossivel de bem conjecturar, por mais investigações que a tal respeito se empreendam. Não seria porém inacreditavel suppôr, que ao passo que n'uma região do globo existia o primeiro, ou o segundo periodo da idade da pedra-polida, existissem n'outras regiões diferentes idades archeologicas: as da pedra-lascada, ou do osso; e as do bronze e do ferro, ou dos metaes; e ainda n'outras regiões, ou parallelamente n'algumas, tivessem já principio os tempos mythologicos, e até os historicos.¹

Sendo assim, tambem não me pareceria improvavel suppôr, que a construcção dos dolmens acompanhasse por certas partes do globo, o maior desinvolvimento que já n'outras iam tomando as diferentes civilisações superiores; e até mesmo, que tudo isso fosse succedendo promiscuamente, n'alguma região.

Não póde duvidar-se de que a humanidade seja muito antiga na terra;² nem de que ésta tenha pas-

sado por um sem número de vicissitudes, e de transformações, physicas e moraes. Muitas migrações por diversas causas, a devem ter atravessado. A civilisação póde ter-se feito n'uma região, e haver decahido depois; como bem poderá ter ido de chofre estabelecer-se n'alguma região, e já em certo grau de progresso. Regiões haveria, que desaparecessem de sôbre a face da terra, quem sabe se depois de adquirida já certa civilisação. Outras podem ter existido, ou ter apparecido mais recentemente á superficie do globo, sem que jámais conhecessem nenhum passado de barbarie.¹ Mas tambem regiões haverá, onde, correndo os tempos, só gradual e progressivamente, uma civilisação superior tenha chegado finalmente a assentar-se; ou que, apesar da duração dos tempos, não hajam por enquanto attingido um estado de mediana civilisação.²

Hoje vae-se acreditando, que os monumentos megalithicos alcançaram, effectivamente, n'algumas regiões, a idade dos metaes; e até chegaram a usar-se, n'alguma parte, subsequentemente ao desinvolvimento de muitas industrias, já bastante adiantadas.

Seria de grande erro avaliarmos o mundo prehistorico, comparando-o physica ou moralmente ao estado do moderno mundo. Quasi tudo tem sido transformado e transformado no globo: e transtornando-se e transformando-se continúa ainda. As cinco partes da terra não eram assim recortadas. Os continentes continham mares; os mares tinham outras dimensões; os rios mais largos e profundos leitos. As peninsulas tinham outra fôrma: alguns novos istmos se terão formado, e rompido outros. O número das ilhas não era o mesmo: talvez muitas se tenham reunido, separado outras: outras haverão

¹ A grande maioria dos homens, ainda mesmo os mais civilizados, esteve longo tempo sem o minimo conhecimento do passado do globo: nem d'isso curava! É o que se infere do *Timeo* de Platão, quando alli se figura o velho sacerdote egypcio, dizendo ironicamente a Solon: «Não ha grego, que velho seja!...» E instrua-o sôbre os antigos cataclysmos da terra, desconhecidos pelos gregos. Os quaes, dizia aquelle padre egypcio, muitos seculos estiveram privados das letras; e mesmo no tempo d'elle, Solon, apenas historiavam fabulas, para crianças: em quanto que os egypcios, oito mil annos havia, que estavam de posse das sagradas escripturas, e das memorias hieroglyphicas das columnas do seu templo de Mercurio. O Reverendo Philipin de Rivières (*Questions Egypto-bibliques*, 1876) sorri da remota antiguidade que se attribue aos egypcios; mas é certo, que mesmo adoptando-se sem reserva, a chronologia da Biblia, a civilisação do Egypto estava já muito adiantada nos tempos de Abrahão.

² Sem me referir ás epochas geologicas e paleontologicas, ou os homens (ou seus precusores...) apparecessem sôbre a

terra na epocha terciaria, ou só na quaternaria, os elementos astronomicos e outros, da chronologia do sr. Rodier (*Antiquité des races humaines*, 1864), não me parecem para desprezar. Sem que por isso, se me possa imputar qualquer falta de respeito ao Velho-Testamento; porque a chronologia biblica não é artigo-de-fé. E já hoje os mais fervorosos biblia-philos reconhecem, mesmo no que se refere á Creação, que os dias do Genesis, não são dias terrestres, mas universaes: são dias cosmicos.

¹ O Japão, por exemplo, é um paiz relativamente moderno. O sr. Rosny não acredita n'uma idade da pedra n'aquelle archipelago: não obstante, o sabio Orientalista, sabe muito bem da existencia d'algum dolmen, e de muitos instrumentos de pedra, por aquellas ilhas.

² Deixando muitos outros exemplos bem sabidos, bastará lembrar os Mohavi da California, que ainda em 1854 não possuíam nenhum instrumento de metal. E os laponios, só pelos principios do presente seculo, deixaram completamente de servir-se dos instrumentos de pedra.

emergido; e algumas se terão subvertido. Até os nomes tradicionaes de certas regiões se hão baralhado, confundido, errado, trocado, perdido: alguns permanecem indecifráveis.¹

Sem esquecermos as geleiras, que tam importante papel tem representado nas alterações do globo; podêmos lembrar-nos da sublevação constante dos territorios do Norte: e quem sabe se ella começaria, coincidindo com a depressão da zona austral? Que de modificações na crusta da terra, não se poderão indicar, mesmo já pelos tempos historicos; e até marcal-as, como em nossos dias começaram de fazer Linneu e Humboldt!

Para termos porém um ponto de partida conveniente, e ligado talvez, tambem com o nosso assumpto, ponhamos a mira no Egypto; assombrosa região, que por todos os lados nos maravilha.² Serão os dolmens do territorio portuguez, por exemplo, contemporaneos, anteriores, ou posteriores á civilisação egypcia?

Os egyptologos parece não reconhecerem pela bacia do Nilo, periodo nenhum que possa ter-se como pertencendo a alguma das edades da pedra: assim como os eruditos de ha muito, não reconhecem no Egypto nenhum tempo de barbarie.³ Ha quem pense que os aryas foram os povoadores do Egypto; e alguns linguistas entendem que este nome vem do sanskritta. Apesar de tudo isso, basta-nos saber, que os antigos monumentos egypcios apresentam as provas, de que n'aquelle paiz eram conhecidos os instrumentos de pedra; e que ainda hoje elles se encontram n'algumas partes do seu solo. As collossaes obras egypcias d'esta mesma materia, tambem nos poderiam ser motivo de certa desconfiança, de que alguma vaga influencia poderiam ellas ter recebido dos monumentos megalithicos; ou, talvez, haverem-na produzido para a construcção d'elles.

Como quer que fosse, poderia inferir-se em todo

o caso, que dos seus visinhos semitas,¹ adveio ao povo egypcio o conhecimento dos instrumentos de pedra. Como poderia conjecturar-se, que foram semitas, escravos no Egypto, que por ali os deixaram; e de lá fugidos, ou por alli passando em suas continuas migrações para a Africa, inspirariam tambem a construcção dos colossos egypcios; ou comsigo trariam na reminiscencia de taes colossos, a idéa da construcção dos monumentos megalithicos, para a Libya e Mauritania; d'onde passaria para a peninsula iberica, etc. Tacito, que é um historiador serio, diz-nos que os judeus aprenderam dos egypcios a enterrar os mortos. (*Histor. L. v.*)

Ao passo pois, que já pela região do Nilo se levantavam as obras giganteeas da sua architectura, e estatuaría: ao passo, que já pela Grecia se cinzelariam os seus admiraveis artefactos d'ouro e de bronze; e pela Italia se propagavam os singulares trabalhos ceramicos, e outros dos etruscos; no territorio hoje portuguez, apenas se construiriam grosseiros dolmens. E d'aqui passariam ao Norte da Hispanha, e ás Gallias, então mais do que nós atrasadas.²

Talvez podessemos por este modo, arriscar o juizo de que os pelagios, repellidos do Egypto, vieram acabar com a barbarie da idade da pedra na Grecia. De que os etruscos, oriundos da mesma familia, desfariam as palafittas na Italia. E de que os phenicios, povo já então commerciante, affastariam os dolmens da Africa, e das costas do Sul e Oeste da peninsula iberica.

Tem-se descoberto algumas entalhaduras em dolmens e outros monumentos megalithicos, com debuxos, até hoje enigmaticos. Ainda em março d'este anno (1876), o sr. Paul Chatellier publicou a noticia de um dolmen que examinára no departamento de Finisterre, em que uma das suas pedras, das que sustentavam a mesa, tinha esculpidas diversas figuras por ambas as faces. Algumas d'estas figuras similhavam cruces, e caracteres (?), cujo desenho vem junto á mesma noticia.

Estes suppostos caracteres deram-me ares d'outros, que por vezes se me hão deparado, e que são tidos como pertencendo a alguns dos innumeraveis dialectos da familia semitica. Este meu parecer porém de nada vale, por muitas razões; e porque o proprio descobridor confessa, que não se atreve a classificar taes figuras; algumas das quaes julga

¹ Nas obras: *Ethnogenie Caucasienne* (1861), e *L'Océan des anciens* (1873), as conjecturas do auctor (mais ou menos bem fundadas, os doutos o dirão), desvanecem uma por uma a maior parte das crenças geographicas admittidas já antes de Strabão e de Pomponio Mella. O oceano, a Atlantide, o mar-vermelho, a Libya, as columnas d'Hercules, etc., são nomes muito averiguados, e transferidos para pontos mui diversos dos que communmente lhes designámos.

² Não pôde haver duvida de que grande parte da humanidade jazeria submersa nas sombras das edades da pedra, dos troglodytas, quem sabe do que? quando já a nação egypcia florescia no desinvolvimento d'uma civilisação, cujos monumentos hoje nos espantam, pela similhança de costumes que nos representam, com os das nações mais civilisadas dos nossos dias... até nas agitações politicas, nas guerras continuas, e nas conquistas.

³ Não é de admirar, que isso tenha succedido no Egypto, e ainda em outras partes. Uma civilisação existente antes do diluvio Noemico, é coisa em que todos estão concordes. Ora, o seguimento e o desinvolvimento d'essa civilisação, quer parecer-me incontestavelmente logico, porque eram homens salvos d'aquelle cataclysmo, os que repovoavam a terra.

¹ Chamo semitas as gentes de certa raça mais ou menos mixta, que assim é costume denominar philologicamente: esperando com o sr. Owen (Congresso dos Orientalistas de Londres, 1875), que se ache outro termo, com que ethnologicamente as possamos distinguir.

² A idade da pedra ainda existia nas Gallias, ao tempo da invasão romana, e talvez depois. Na meia-idade tambem a illustração franceza foi inferior, não sei se até ao seculo XII, á da peninsula iberica. A causa d'isto é facil de descor-tinar.

que terão sido feitas com instrumento percutido; e accrescenta: «Em todo o caso, este novo specimen que hoje nos apparece, da escultura megalithica, apresenta-se-nos como da familia de todos os primitivos monumentos da Armorica; e podêmos assentar, que os dolmens tem certa ornamentação escultural, que lhes é peculiar.»¹

Póde ser que seja assim em relação aos dolmens da Armorica;² os quaes, se anteriores aos celtas, bem poderiam ter sido por estes depois aproveitados, n'algum dos usos proprios da sua civilisação.³ Não me parece porém, que possa assentar-se o mesmo juízo, a respeito dos dolmens em geral. Se alguma ornamentação fosse circumstancia invariavel de taes monumentos, poderia conduzir-nos, competentemente estudada, a raciocinios da maior importancia na archeologia prehistorica.

O sr. Chatellier lembra, que as figuras do seu dolmen são mui parecidas com esses riscos (*talouages*), com que os Niam-Niams (e outros povos⁴) ainda hoje usam guarnecer a testa, faces e ventre; e que poderia ser que d'algum d'estes costumes proviesse o outro. Ainda n'isto teriamos indicios d'uma transmissão africana, para os dolmens da Europa.

Taes gravuras dos monumentos megalithicos, sejam ou não caracteres (dos quaes já o sr. Pereira da Costa fez menção), não poderá haver certeza de que sejam contemporaneos do monumento; bem poderia a disposição das suas pedras, ter sido aproveitada posteriormente para essas gravuras. Muitas circumstancias porém nos levam a acreditar na sua contemporaneidade; aindaque effectivamente sejam caracteres, algumas d'ellas.

Os instrumentos que gravaram essas figuras, necessariamente seriam de pedra, de bronze ou de ferro. Os de bronze, metal cujo gume está mui sujeito a amolgar-se, parece-me deverem ser rejeitados, como incapazes d'esculpiem certos ornamentos mais delicados. Os de silex, tambem me parecem

em muitos casos, inefficazes para atacar o granito na fórma de certas gravuras. Teremos então que optar, em geral, pelos instrumentos de ferro.¹ E a ser isto assim, os monumentos megalithicos de certo modo ornamentados, não poderão attribuir-se á idade do bronze; embora nas explorações do seu solo, se tenham encontrado muitos objectos de pedra-polida, de bronze, e de oiro; mui raramente de ferro. Nem seria então para admirar, que entre esses ornamentos apparecessem tambem caracteres.

Em todo o caso, eu não posso acreditar por ora, n'uma grande antiguidade absoluta, dos dolmens.²

Tambem não tenho empenho, em que se substitua a celto-mania, por uma semitico-mania; divi-sando semitas por todo o Sul e Occidente do globo. Mas de dia para dia vão os doutos reunindo maior número de indicios, d'origens semiticas por esse mundo. As sabidas perigrinações e dispersão das gentes de tal raça, e as viagens dos phenicios, apontadas pela tradição mais ou menos historica, até agora incriveis ou desdenhadas, já hoje os taes indicios vão tornando de menos fabulosa apparencia; e mais dignas de attenção, e merecedoras de ser bem apuradas.

Sei das opiniões que attribuem aos aryas, a introdução da industria metallurgica na Europa; sei d'outra, que faz dos pigmeos, antepassados dos lapões, os primeiros exploradores das minas; e tambem conheço a do sr. Roisel, que tem os atlantes como os artifices do bronze, e introductores de colonias d'um povo bronzifero, pelas costas do Mediterraneo e da America.³ Não pretendo destruir nenhuma d'estas opiniões, que o estudo dos sabios poderá confirmar, ou annullar. O que porém todos os lidos sabem, melhor do que eu, é que os phenicios eram peritos na arte de trabalhar os metaes; e que já isso se praticava pelas regiões do Tigre e do

¹ *Bulletin monumental*, n.º 2. 1876.

² Numa Memoria ultimamente publicada na *Revue d'Anthropologie*, t. 4.º, pag. 620, do sr. G. Lagneau, mencionam-se craneos de tres raças, encontrados sob diferentes dolmens na região do Noroeste da França.

³ Devo declarar, que não dou por minha esta supposição. Tenho em muito os escriptores porque estudo, para os abater a ponto de dar por meus os seus pensamentos. Os plagios nos grandes escriptores, podem em certos casos, acrescentar-lhes a gloria, em vez de deprimil-a: Schakspeare e Molière, seriam bom exemplo. Tambem poderão aproveitar alguma vez, a muitos escriptores que não sejam grandes... Eu que não posso ser tido na conta de grande, nem pequeno escriptor, mas simplesmente de nullo, não os pratico.

⁴ Não são só os Niam-Niams. No diario d'uma expedição portugueza ao centro da Africa, que se intitula: *O Muata Cazembe*, faz-se menção dos Moraves, cuja *latuage*, (como a dos Maoris da Nova-Zelandia (V. *Viagens de Cook*), dá muitos ares d'algumas das figuras geometricas, gravadas em varios monumentos megalithicos.

¹ O sr. Brunius (*Essai d'explication des sculptures de rochers*, 1866), diz que as figuras, etc. entalhadas pelos rochedos da Scandinavia, foram feitas com instrumentos de pedra; e as do famoso monumento de Kivik, com instrumentos de bronze. Mas esta opinião não é admittida hoje, pelas razões que apontei, e outras.

² Ainda ultimamente (outubro, 1876) os Archeologos do Congressó d'Arles, tiveram grande occasião de espantar-se (diz um jornal da localidade: *La Provence*), porque: *sous un dallage, on avait déjà trouvé quelques silex; le jour où nous étions sur les lieux, on y trouve quelques autres, et de plus... une POTERIE... fait au tour et vernissée!* Notemos que a gruta explorada, apresentava: *sous une première couche de limon, un lit de cailloux qui devait remonter à une époque fort reculée. Sous ces cailloux un amas d'ossements humains mêlés à du limon... sous ces ossements le dallage!* Aqui temos nós um facto, que sendo exacto, parece confundir a idade da pedra-lascada, com os tempos historicos, e já adiantados. Em presença de circumstancias d'estas, é que eu não posso prestar grande fé ás divisões das edades archeologicas, imaginadas pelos srs. Thomsen e Worsaae.

³ *Les Atlantes*, 1874.

Euphrates (Naharaim), muito antes do dilúvio da Biblia.¹

A pequena estatuaría de bronze, representada pelas grosseiras figurinhas d'esse metal, hoje conhecidas em muitos museus da Europa; provam ainda como a raça semítica da Asia-menor, era applicada aos trabalhos dos metaes, quando todavia a arte da Grecia alli não existia.²

Da raça semítica era também o costume das ornamentações, inscrições, e *cavo-rilievi*, nas rochas. Herodoto (Euterpe) falla d'estas inscrições pela Palestina; e de duas imagens esculpidas em rochedos, uma supposta de Sesostris, outra de Memnon, na Asia-menor. Pelas margens do Tigre, na Lydia e na Cappadocia, tem-se encontrado d'estas antigualhas, anteriores ás colonias gregas, e que a principio foram reputadas como egypcias, mas hoje se vão reconhecendo como obras da familia semítica.³

De taes inscrições lapidares, ornamentações, e mais esculpturas, apparecem também muitos specimens por varias partes da America. E é muito para notar o que a este respeito se lê no Boletim official dos Estados-Unidos: *of geological and geographic survey of territories* (março, 1876), onde se encontram curiosas noticias das explorações feitas no Novo-Mexico, especialmente pelas proximidades do Colorado; e os desenhos d'antigas ruínas de *cliffs-houses*, que fazem lembrar as habitações kushitas das montanhas da Georgia. Também alli se podem ver os debuxos de hieroglyphos, ou inscrições gravadas em varias pedras, e em nichos (como se encontram pela Asia-menor), d'essas habitações das rochas; *que se assimelham a outras inscrições achadas n'algumas cavernas da Andaluzia*.

Deixando a questão do Hercules phenicio, que se diz ter vindo á nossa península, e as suas famosas columnas nos montes de Calpe e d'Abyla; o estimado historiador Procopio diz-nos, nas *Guerras Justinianas*, que no seu tempo (seculo VI) ainda existiam ao pé de Tanger, duas stellas, que tinham gravadas n'um dialecto semítico, éstas palavras: «Vimos fugindo até aqui do malvado Josué, filho de Nave» (Nuh?) E o padre Tournemine, n'uma Dissertação publicada nas Memorias de Trevoux (1702),

justifica com boas razões, ao que me parece, que os chamados persas, companheiros d'Hercules, a que Sallustio se refere na *Guerra Jugurthina*, não eram tal persas mas pherezeus (phenicios); assim como outros companheiros d'Hercules, tidos por medas, eram os amorrheus (chamados depois moiros); e os armenios, eram os cannaneus. Foram estes ullimos que vieram á Grecia, sob o nome d'achivos, vocabulo que o padre Tournemine sustenta não ser grego, nem latino, como vulgarmente se crê, mas hebreu: *chiva*, que significa *serpente*. Ora, é este mesmo symbolo o mais commum, em todos os monumentos megalithicos que tem symbolos gravados. Sei bem que este symbolo se encontra em quasi todos os povos, seja qual for a sua raça, e por muitas partes da terra,¹ desde a mais remota antiguidade. Na mythologia, na poesia, nas lendas, nas tradições, na historia d'esses povos, a serpente, o dragão, o aspic, a vibora, representam um symbolo importante; que figurou muito na heraldica da meia-idade, nomeadamente no nosso brazão-nacional, e ainda hoje é para os christãos um emblema da nossa fé. Todos conhecem a serpente de-bronze de Moisés, o cap. III do Genesis, a tribu de Dan, cuja signa era a serpente: e outros logares biblicos em que se allude ao *mais astuto dos animaes*. Mas não erraremos, porventura, guiados também pela etymologia do vocabulo, attribuindo a este symbolo uma origem semítica; embora por outras raças adoptado, fossem quaes fossem os motivos.

Não acho pois inconveniente, em que admittida a origem semítica dos dolmens, sejam as esculpturas d'estes da mesma procedencia. No *liv. dos Reis* descreve-se como Salomão enchêra de entalhaduras e gravuras, as paredes da *Casa-de-Deus*. E ainda poderia acreditar-se que também gravariam caracteres; porque também essa prática se encontra nos costumes da familia semítica. A lei apresentada por Moisés aos israelitas nos desertos da Arabia, era escripta em dois pedaços de pedra: e no Deuteronomio diz-se, que Moisés ordenára, quando os israelitas entrassem na terra da promissão, *que levantassem umas grandes pedras* (megalithos) *sobre o monte Hebal, e gravassem n'estas pedras os preceitos da lei*. Os Corybantes, oriundos da Colchida, passam por serem os inventores das stellas, e n'ellas eram gravadas as regras da sua sociedade. A escriptura, sabe-se que já era conhecida no Egypto, quando se construiu a pyramide Cheops. E não quero

¹ Vulcano, um ethiope (que não quer dizer: abyssinio), foi aquelle numen que todos sabemos, mestre de forjadores. Plutão (outro ethiope, ou kushita, o que não quer dizer: preto) foi caudilho de mineiros. Tubalcain, filho de Lamech, foi mestre dos artifices de cobre e de ferro, muito antes do dilúvio. (*Genes.*)

² V. *Memoires d'archéologie, d'epigraphie et d'histoire*, 1875. Bas-relief de Nymphis. — Un bronze d'Asie-Mineure — L'Art de l'Asie-Mineure.

³ Sobre taes esculpturas, e suspeitas de que os phenicos chegassem á America, merece ver-se a *Compte rendu de la première session du Congrès international des Américanistes*, 1875.

¹ O sr. Luciano Rosny, n'uma mui interessante Memoria, que intitolou: *Historia da ceramica do Novo-mundo* (T. I da nova serie des *Archives de la Société américaine de France*, 1875), afirma que este mesmo symbolo se vê em vasos peruanos; e accrescenta: «que é verosimil, que os phenicios não ignorassem a existencia do que nós chamámos Novo-Mundo.»

agora referir-me á tradição da escriptura ante-diluviana.¹

(Continúa.)

SÁ VILELLA.

PRIMEIRO CONGRESSO ARCHEOLOGICO EM PORTUGAL

CITANIA — EXPLORAÇÕES

Caberá por ventura, ao sr. Francisco Martins Sarmiento, ha pouco laureado com uma Medalha pela nossa Associação (V. *Bolletins* n.ºs 10 e 11), abastado e mui illustrado proprietario de Guimarães, a honra e a distincção de ter iniciado em Portugal os congressos d'Archeologia, como hoje se estão praticando em todas as nações da Europa.

O sr. Sarmiento adquiriu por compra, o monte S. Romão da serra da Falperra, perto de Guimarães, e nas margens do Ave, junto ás *Caldas* chamadas *das Taipas*. A tradição, e antigos escriptores, diziam existirem alli as ruínas d'uma povoação, denominada *Citania* (ou a *Cinania* de que fallou V. Maximo?), que, apesar do habito dos nossos antiquarios de apenas prescreverem e examinarem vestigios romanos, os quaes effectivamente por ali se encontram, contudo, julgava-se, ainda que perfunctoriamente, ter sido povoação mais antiga; dos povos que occupavam a provincia do Minho, anteriores á conquista romana.

De feito, ha por aquella provincia dilatadas tradições de povoações antiquissimas; e muitas ruínas conhecidas por diversos nomes: Tyde, Abona, Caledonia, Celiobriga, Britonia, Aurega, Benis, Araduca, Bagunte, Callecia, Labrica, etc. E pelas serras do Afife, Gerez, monte-Penedo, Fão, Valle de Fareia, etc. encontram-se vestigios de povoados, que passam por anteriores á invasão dos romanos.

Já nos fins do seculo passado, nas excavações emprendidas por José Diogo Mascarenhas Netto, pelas margens do Vizella, para exploração d'aquellas *Caldas*, se haviam encontrado vestigios da idade da pedra (neolithica) por aquella região, os quaes n'aquella epocha não era dado apreciarem-se, achando-se: «uma cunha de pedra preta (obsidiana?)... polida por fricção... e dentes d'animal, que pela grandeza que d'elles se deduz... foi desconhecido; e também se acharam alguns da mesma especie na excavação dos banhos da Lameira.» Estes vestigios deveriam hoje existir na nossa Academia Real das Sciencias, á qual foram então apresentados pelo referido Netto, seu socio. Não será porém agora oportunidade para tractar d'estas coisas.

Como ia dizendo, o sr. Sarmiento começou a expensas suas, e sob a sua direcção, a explorar o subsolo da montanha, que para esse fim adquirira; principiando por fazer collocar no sitio em que primitivamente fôra achada, a celebre *pedra-formosa*, cujo debuxo publicou o n.º 9, t. I do nosso jornal, e á

¹ Cadmo, um semita, foi reputado pelos gregos como inventor da escriptura. Alguns antiquarios até presumiram, que se a pedra não foi a mais antiga, seria a primeira das materias em que se gravavam caracteres: e por isso os gregos não diziam: *escrever*, diziam: *gravar*.

qual me referi no meu Estudo sobre os Dolmens (pag. 39).

O sr. marquez de Sousa, nos n.ºs 452, 454 e 455 do *Diario da Manhã*, deu conta da sua visita a estas explorações pelo estio do anno passado, e descreve-as; lembrando, parece-me, que mui sensatamente, que o vocabulo *Citania* não será nome unicamente applicavel a um local; e, se o derivassemos do termo semitico *cithan*, poderia generalisar-se a qualquer povoado.

Passavam então de cincoenta as moradas (casas) descobertas, construidas grosseiramente, e de forma circular, pela maior parte, parecendo que a sua entrada seria por alguma abertura superior, e dando ares na forma (?) das *Nuraghas* da Sardenha.

Acharam-se também esculpturas, «evidentemente pre-romanas;... e eram frequentes as pedras lavradas com ornatos... Entre estas esculpturas são notáveis um baixo-relevo de duas figuras, e uma estatua, mutiladas... Aparecem muitas pedras com cruzes de varias formas, posto que nenhuma tenha os caracteristicos do christianismo... Também se tem achado inscrições... algumas escriptas em caracteres desconhecidos... Abundam os fragmentos da ceramica... A decoração d'elles, consta de circulos concentricos, gregos, riscas... com debuxos, (que não sendo romanos) se vêem até nos fragmentos de vasos que poderiam considerar-se romanos... São muito poucos os objectos de metal encontrados... (quasi destruidos) mas é indubitavel que alguns são de ferro, outros de cobre puro.»

Já se vê como é importante, e digna da maior attenção, a exploração que está praticando o sr. Sarmiento. E desejoso este distincto cavalheiro, de a fazer conhecida e apreciada pelos estudiosos, e doutos do nosso paiz, tem convidado muitos d'elles para comparecerem na localidade, nos primeiros dias d'abril proximo; e ahi examinaremos os trabalhos já praticados, e os seus resultados.

A extrema delicadeza do sr. Sarmiento, tem preparado recepção condigna aos seus convidados; e o que muito importa saber também, para honra da nossa civilisação, é que a cidade de Guimarães, a exemplo do que tem praticado outras cidades cultas da França, Italia, Belgica, etc. prepara-se igualmente para solemnizar a ida ao seu concelho de tão illustres hospedes. Caberá a estes, como não duvidamos que hão de fazer, inaugurar entre nós os Congressos archeologicos, que o sr. Sarmiento por este modo inicia; e que tão necessarios se tornam já no nosso paiz, onde tanto ha que explorar das epochas prehistoricas e luso-romana: como os trabalhos já encetados nos deixam prever. Além d'isso, é tempo de patentearmos ao mundo as nossas riquezas archeologicas; e de provar aos sabios, que o esperam, a nossa aptidão para lh'as indicar.

Seria de toda a conveniencia que os nossos Archeologos reunidos em Guimarães, elegeassem Mesa e Direcção, que podessem ser nucleo e formar circulo, para a continuação dos trabalhos archeologicos no nosso paiz; e para a renovação d'estes congressos nas provincias d'elle, onde as circunstancias e a possibilidade os aconselhassem.

Pelo que respeita á Citania, muito me lisongearia eu, em particular, que as suas excavações me podessem confirmar na idéa, que já tenho expressado mais ou menos timidamente, sobre a primitiva povoação do nosso solo, e sobre o desenvolvimento

d'ella; como me está parecendo que o vão indicando algumas das descobertas já feitas, se se provarem as origens que mostram apontar.

Mas como terei de voltar a este assumpto, não devo alongar de mais hoje, estas simples considerações.

SÁ VILLELA.

HISTORIA PORTUGUEZA

NUMISMATICA

D'uma carta de Mr. Hooft van Iddekinge, inspector dos monumentos nacionaes da Hollanda, e antigo conservador do museu de Medalhas da Universidade de Leyde, escripta da Haya a 27 de fevereiro ultimo, ao sr. J. P. N. da Silva, presidente da nossa Associação, traduzimos os seguintes importantes paragraphos, aos quaes nos pareceu mui conveniente dar publicidade:

«Como sabeis, o infeliz D. Antonio, que se proclamou rei de Portugal, passou algum tempo n'este paiz. Teve aqui embaixadores, e estes obtiveram do principe d'Orange, Guilherme o taciturno, a permissão de estabelecerem em Gorinchem, uma casa de moeda.

«Alguns dos cunhos, que effectivamente serviram para bater a moeda de D. Antonio, ainda agora se conservam na Casa da Camara. O meu amigo Mr. Chalon, de Bruxellas, publicou o desenho d'estes cunhos, e ao mesmo tempo uma historia de D. Antonio; mas sem esclarecimentos relativos á officina de Gorinchem. E pelo que respeita ás circumstancias da moeda portugueza cunhada nos Paizes-Baixos, ninguém sabia coisa nenhuma com exactidão. Os historiadores do tempo não fallam n'isso; e os documentos que poderiam elucidar-nos, faltavam inteiramente.

«Eu porém reconheci mais uma vez, que jámais devemos perder as esperanças; porque achei mais, do que nunca supuz. Descobri um masso completo, de todos os documentos importantes, que dizem respeito á referida casa de moeda; e o que é mais, todos estes papeis são documentos officiaes.

«A casa da moeda de D. Antonio, nos Paizes-Baixos, abriu-se em Gorinchem a 10 d'outubro de 1583, com permissão do principe d'Orange, mas sem annuencia dos Estados-Geraes, que receiavam a concorrência que esta poderia fazer á sua casa da moeda de Dordoecht.

«Desgraçadamente, não tardou que os abusos se não apresentassem. Os empregados de D. Antonio batiam moeda abaixo do seu valor, o que desacreditava este dinheiro. Os Estados-Geraes aproveitaram esta circumstancia, para fazer cessar a cunhagem da moeda portugueza; e a officina fechou-se.

Foi então que o embaixador de D. Antonio junto aos Estados-Geraes, Antonio de Brito Pimentel, apresentou uma Memoria em justificação do seu rei, e tendente a obter a continuação da cunhagem. Mas os Estados-Geraes, que nunca a tinham querido consentir, não deram resposta ás solicitações de Brito Pimentel.

«Pouco tempo depois, malogrou-se ainda a ultima tentativa de D. Antonio para entrar na patria; de modo que todo o interesse se lhe foi, de recommençar a cunhagem da moeda em Gorinchem: e esse negocio, que já não podia ter consequencias, ficou esquecido até hoje, que os historiadores começam a lembral-o.

«Os papeis que descobri são: a Memoria escripta em italiano, apresentada em 1586 aos Estados-Geraes, pelo embaixador de D. Antonio, acompanhada de todos os documentos justificativos, parte d'estes escriptos em hollandez, e outra parte em francez, rotulados no verso em portuguez, pelo proprio Brito Pimentel. Instruem-nos até das menores circumstancias de todo este negocio. Contém: as informações do embaixador Pedro d'Oro, sobre o estabelecimento d'uma casa de moeda; as informações do mestre da cunhagem; a ordem para cunhar francos, imitação dos de Henrique III, rei de França, com o desenho do cunho; e o auto dos ensaios para verificar o toque e o peso da moeda batida: assim como as quantidades d'ouro e de prata, que se applicaram á cunhagem. Podendo-se calcular o numero das peças cunhadas.

«Encontram-se tambem documentos, que demonstram que o mestre da cunhagem, abusava da confiança que n'elle haviam depositado; e que chegara a cunhar tostões d'el-rei D. Sebastião, sem que D. Antonio o soubesse.

«De taes documentos infere-se, que o prior do Crato andou n'este negocio de inteira boa fé; e que não se aproveitou singularmente das vantagens que esta casa de moeda poderia fornecer-lhe. Elle e o seu embaixador, foram logrados pela velhacaria do mestre e empregados da officina; e, causa pena dizel-o, foram sacrificados pelos Estados-Geraes, á sua politica cruel, e egoista. Em vez d'auxiliarem o desditoso D. Antonio contra o seu commum inimigo Filippe II d'Hespanha, como Guilherme I d'Orange o desejava; os Estados-Geraes não perderam da vista nem um momento, os seus interesses pecuniarios.

«Nada digo de mais, quando affirmo e cuido, que os documentos que descobri, são da mais alta importancia, tanto para a historia de Portugal como para a dos Paizes-Baixos. Fica esclarecida uma pagina d'essa historia, desconhecida até agora; e o que é mais, posso felicitar-me de haver lavado da memoria do infeliz prior do Crato, a nodoa que uma politica egoista lhe havia lançado, de ter sido connivente na fabricação d'um numerario legal inferior ao seu valor.

«Ainda me não resolvi sobre o que hei de fazer da minha descoberta, porque me falta o tempo para me dar inteiramente a este assumpto, como desejaria. No emtanto... etc.»

HABITAÇÕES LACUSTRES

Across Africa. 1877.—Esta obra em dois volumes, com mappas e gravuras, do celebrado Cameron, chegou já a Lisboa, e ouvimos que um extracto d'ella será brevemente publicado em portuguez.

Patrioticamente interessado, como sou, na questão

nacional, chamada *africana*, não poderia fallar n'esta obra, ainda que a outro proposito, sem deixar aqui expressado o intimo desejo de que o relatório de suas viagens pelo interior d'Africa, que acaba de publicar o illustre explorador inglez, encontre entre nós analyse semelhante, á que encontrou o relatório do celebre Livingstone, no memoravel *Exâme* publicado em 1867 pelo saudoso e benemerito D. José de Lacerda.

A empresa não seria difficil. A prescrutação litteraria do muito que temos desde seculos, escripto em portuguez sobre as nossas possessões d'Africa, especialmente por ecclesiasticos, antigos e zelosos devassadores d'aquellas regiões; os velhos e numerosos esclarecimentos, que nos poderá fornecer o archivo bem esmerilhado da nossa secretaria dos negocios do ultramar; facilitarão esta gostosa empresa, a quem d'ella tiver o louvavel e patriotico fim de encarregar-se.

Ourso proposito porém é outro n'esta occasião.

As habitações lacustres, parece irem fazendo o *pendant* dos dolmens. A sua descoberta, que poderá datar-se de 1853, na Suissa, teve por algum tempo

a idéa da sua existencia limitada áquella região da Europa. Depois foram-se indagando os antigos monumentos, e conheceu-se que este modo de habitação sobre as aguas, era commum a outras regiões da terra. Foram tambem usadas na Asia; e encontradas na America.

As explorações archeologicas da Europa tem achado palafittas nos Pyreneus, na Inglaterra, na Allemanha, na Hungria, etc.

Ultimamente tem sido encontradas em varios lagos da Asia-menor, semelhantes ás da Suissa e da Saboia. E M. Deville (membro da Eschola d'Athenas) pensa ter encontrado na Macedonia os vestigios das habitações lacustres de que fallou Herodoto; e diz-nos, que na Thessalia ainda hoje são usadas (*Matériaux pour l'hist. prim. et natur. de l'homme*. 1877, 1^{ère} livraison).

Por ultimo, o sr. Cameron na sua obra, a que já nos referimos — *Atravez d'Africa*, — dá-nos a noticia e o desenho, das habitações lacustres que encontrou na sua excursão ao lago Mohrya.

S. V.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Em Assembléa geral de 6 de dezembro de 1876, foram approvadas as contas prestadas pelo sr. The-soureiro da Associação, em relação ao anno social findo; e na conformidade do respectivo Parecer da Comissão de revisão.

Na mesma assembléa geral foram approvados para nossos socios: effectivos, os srs. Conselheiro Antonio José Duarte Nazareth; Visconde de Figanieri, general Azevedo, e Peixoto e Mello; correspondentes, Mr. Bochman, de Berlim, architecto, e D. Rodrigo Amador de los Rios, de Madrid, archeologo.

Na mesma assembléa geral foi resolvido, que a nossa Associação concorresse á Exposição universal de Paris em 1878, conforme o programma do nosso Conselho Facultativo.

Recebeu-se convite da Sociedade de Geographia de Lisboa, para a sua Sessão solemne de 7 de março de 1877.

Recebeu-se o programma e convite da Sociedade central d'Architectura de Paris, para o Congresso de Junho do corrente anno.

Foram entregues á Commissão, que promove os donativos a favor das victimas das ultimas innundações, as quantias: de vinte e sete mil réis, importancia d'uma mensalidade dos nossos Socios contribuintes; e a de oitenta e um mil e cem réis, importancia das entradas na Exposição Artistico-Archeologica, verificada na nossa Associação, com o fim de promover maior donativo para tam philanthropico destino: tendo sido as despesas d'esta Exposição a cargo do cofre da nossa Associação; e havendo os srs. Costa, successor de Gaspar, e Margotteau Ferreira, contribuido com a generosa desistencia do que em taes despesas lhes competia.

Foi offerecido á nossa Associação, pelo nosso Socio correspondente, d'Italia, o sr. conde G. Gozzadini, a sua obra *Intorno agli scavi archeologici fatti dal Sig. A. Arnoaldi Veli presso Bologna, Osservazioni del conte senatore G. Gozzadini*. Bologna, 1877.

O sr. Ernesto Bosc, offereceu uma Memoria ácerca dos meios de purificar o ar das grandes cidades.

A sr.^a D. Maria Feijó e Mello offereceu: «*Esboços biographicos dos principaes pintores italianos*, por José Henrique Feijó da Costa. Lisboa, 1866».

Foi offerecida pelo sr. Joaquim da Conceição

Gomes, a 3.^a edição da sua *Descripção minuciosa do convento de Mafra*.

O sr. Francisco Antonio Ferreira Senior, offereceu á nossa Associação tres azulejos da Sé velha de Coimbra.

Foram recebidos varios numeros dos jornaes: *Anales de la Construcccion y de la Industria e Academia*, hespanhoes; *Architecto*, russo; *La Revue-nouvelle de l'Industrie et des Travaux-publics*, *La Semaine des constructions*, *Le Musée archéologique*, *La Gazette-archéologique*, *Les Matériaux pour l'histoire prim. et nat. de l'homme*, *La Revue Anthropologique*, e o *Polybiblion*, francezes; *The Building News*, inglez; *Tot Bevoording der Bouckunst*, e *Afbeeldingen van Oude Bestande Gebonwen*, holandezes.

NOTICIARIO

Lê-se na *Revue-nouvelle de l'Industrie et des Travaux publics* de 28 do passado (fevereiro):

M. Gott apresentou o seu projecto para a canalisação de Lisboa. Esta cidade será dividida em zonas, cada uma d'estas com o seu cano-collector geral, o qual descarregará n'um grande reservatorio perto da *Rocha do Conde d'Obidos*; onde as dejecções e as aguas serão levantadas para cahirem n'um grande cano receptor, que se vasará além de Belem. M. Gott receberá pelo seu projecto réis 27:000\$000: excellente pagamento por um plano, em que apenas teve o trabalho de indicar a direcção dos canos; e de problematica realisação. O seu systema de saneamento é de duvidosa efficacia, principalmente se se attender ao nivel das aguas em Lisboa. Os engenheiros portuguezes suppõem-se desconsiderados, por um contracto secretamente feito com um inglez.

Idem, 3 de janeiro ultimo:

O *Instituto de França* põe a concurso uma questão importante: a de saber as differenças theoricas e praticas que existem entre engenheiros e architectos; e conhecer das vantagens ou dos inconvenientes que podem resultar da divisão entre estas duas profissões: deduzindo d'este estudo o que será mais util nos interesses da Arte, se uma divisão absolutamente designada, ou se uma completa fusão. As Memorias para este concurso deverão ser entregues ao secretario do *Instituto*, até 31 de dezembro do corrente anno.

Em Bruxellas foi aberto um concurso para construcção d'um *Museu de Bellas-Artes*. Só os architectos belgas serão admittidos. As construcções de grandes edificios n'esta cidade, são incessantes. O palacio da justiça deverá ser de admiravel magnificencia. O seu estylo é oriental. O novo palacio da Bolsa, é tambem um bello edificio, de sumptuosa

fachada, ornado de grande numero d'estatuas, e de esculpturas. A camara d'esta cidade acaba de contrahir um emprestimo de vinte milhões de francos, para continuar os seus importantes melhoramentos.

O ministro das Obras-publicas em França, foi de proposito á Hollanda visitar as obras e o estado dos seus caminhos de ferro, bem como os trabalhos immensos do novo porto e canal de Amsterdam. Os desenhos d'esta grande obra, acham-se no Museu da nossa Associação.

Lê-se no *American Architect and Building News*, que o projecto de construir um tunnel entre Gibraltar e Algeciras, e um ponto da costa de Marrocos, proximo de Ceuta, vae começando a ser popular em Inglaterra. O comprimento d'este tunnel está avaliado em 22 milhas, (35:000 metros), e a despeza em 20 milhões de dollars. Por este tunnel se diz, que passará o caminho de ferro que conduza de Inglaterra á India.

O British Museum recebeu em janeiro ultimo, alguns milhares de miudezas d'antiguidades assyrias, providas das explorações feitas no valle do Euphrates, pelo fallecido G. Smith. Estas antigualhas constam pela maior parte de tabletas historicas, principalmente assyro-babylonicas, dos primeiros reis, feitas de barro cosido e escriptas por ambos os lados, relatando actos de vendas certificados por testemunhas, etc. Alguns d'estes contractos são feitos em duplicado, os quaes se acham dentro da tableta fendendo-a. As datas são da maior importancia para a chronologia; e os nomes proprios de grande valor philologico. Lêem-se os nomes em caracteres cuneiformes de Nabopolassar, Nabuchodonosor, Balthazar, Cyro, etc. Ha tambem tijolos com inscripções; vasos; um calendario babylonico completo, indicando todos os dias faustos e nefastos do anno; estatuas de divindades, feitas de bronze; um bello leão de granito escuro, deitado sobre um pedestal da mesma pedra, tendo no peito o anel real e o nome hieroglyphico de Sethos, um dos reis pastores que dominaram no Egypto por 520 annos, e foram expulsos por Thoutmosis, rei de Thebas. G. Smith foi o primeiro que descobriu o nome d'este Pharaó escripto em caracteres cuneiformes, n'um anel que se conserva no Museu britanico. Logo que estas antigualhas sejam registradas, e rotuladas, serão expostas á curiosidade do publico nas galerias assyrias do Museu britanico.

De 28 de maio a 3 de junho, deverá reunir-se em Senlis, o 44.^o congresso da *Associação franceza d'Archeologia*. O seu programma contém mais de cincoenta questões: as primeiras concernentes á archeologia prehistorica, as outras relativas a pontos historicos da cidade de Senlis, seus contornos e departamento (Oise), no tempo da conquista das Galias pelos romanos. Serão examinados os monumentos: e a archeologia religiosa tem parte importante no questionario: como será o estudo do estylo architectonico das suas egrejas, e a indagação das suas riquezas, e dos objectos d'arte que possuam,

Estão-se usando já em Inglaterra, e vão começar a usar-se em França, locomotivas d'um novo typo. As machinas são mais altas, e as rodas tem dois metros de diametro. Parece que offerecem maior solidez e segurança. Com este systema de locomotivas, é que actualmente se organisam na America os famosos *trens-relampagos*, que tem dado tanto que fallar, e que correm 100 e 120 kilometros por hora.

Com a Exposição universal de Paris, em 1878, coincidirá na mesma cidade, uma Exposição Anthropologica e Ethnographica. A commissão directora tem por presidente o insigne Quatrefages, tendo por companheiros o celebre historiador H. Martin, o afamado anthropologo Brocca, e o laborioso e bem conhecido G. Mortillet; além dos auctorizados escriptores: Topinard, G. de Rialle, Hovelacque, Collineau, etc. A Sociedade Anthropologica Hispanhola, já foi convidada para tomar parte n'este certame; e parece que nomeára uma commissão em que figuram os Srs. Tubino, G. Velasco, Galdo e Hysern presidente, que solicitaram e lhes foi promettido, pelo ministerio do Fomento, todo o auxilio necessario para a realisação d'aquelle projecto, no que diz respeito á Hispanha.

Esta Exposição abrangerá:

- 1.º A Anthropologia propriamente ditta, e a Cra-neologia.
- 2.º A Ethnographia geral.
- 3.º A Archeologia prehistorica.
- 4.º A Linguistica.

Estabeleceu-se em Philadelphia uma sociedade internacional das *Relações scientificas e litterarias*, com o fim de conseguir mutuas permutações dos trabalhos scientificos e litterarios, já publicados ou que se publiquem em todas as nações, de lingua hispanhola e portugueza. Esta sociedade está constituida pelos representantes: de Bolivia, Brazil, Chili, Colombia, Confederação-Argentina, Costa-Ricca, S. Domingos, Guatemala, Hispanha, Honduras, Mexico, Nicaragua, Paraguay, Perú, Portugal, S. Salvador, Uruguay, e Venezuela.

Lê-se nos jornaes inglezes *The Builder* e *The British Architect*, a analyse da sessão solemne da abertura das sessões do *Real Instituto dos Architectos britannicos*. Esta sessão abriu-se com a costumada affluencia de gente, que todos os annos augmenta. O presidente Mr. Chas. Barry, deu conta no seu discurso dos presentes feitos ao Instituto; e do augmento successivo dos seus membros, que cada vez se torna mais consideravel. Depois de breve excursão pelos dominios da arte, occupou-se do estado actual da Architectura em Inglaterra. Notou a triste tendencia do publico, em dirigir-se para a construcção de suas obras, ao architecto que menores honorarios exige, sem ter attenção á honra ou habilidade d'elle. Mr. Barry observou depois, como era excellente o espirito de corporação que existia entre os membros do *Royal Institute*, porque nenhum d'elles poderia ser accusado d'haver faltado em occasião nenhuma, ao sentimento de boa confraternidade, sem o qual nenhuma associação é possivel. N'outra ordem de

idéas, lamentou Mr. Barry, que os grandes trabalhos para o aformoseamento da capital, nem todos fossem confiados a agentes do governo, que estivessem na altura da sua missão; muito principalmente pelo lado do *bom gosto*.

O Dr. Schliemann continúa a dar conta das suas importantes explorações no Acropolis de Mycenae. Em dezembro ultimo, havia descoberto n'um tumulo um cadaver humano, que o laborioso archeologo suppõe ser o d'Agamemnon, quasi mumificado, ladeado d'espadas de bronze, cujas bainhas eram de madeira. Uma mascara d'oiro cobria-lhe a cabeça; e esta mascara representa um rosto redondo, com olhos e bocca grandes, muito parecidos com as feições do cadaver: o que faz crer, que estas mascaras são retratos verdadeiros dos defunctos, e não typos ideaes. No n.º 9, T. I do nosso *Boletim*, publicámos uma photographia representando uma d'estas mascaras (era de gesso, mas colorida, lindissima e mui bem conservada), que fôra encontrada n'uma excavação d'Alcacer-do-Sal, com outras antigualhas da epocha romana; e demonstrava ser retrato, como esta mascara grega, de oiros, de que falla o Dr. Schliemann. Á direita d'aquelle cadaver existiam alguns vasos de oiros, e taças de prata, e um vaso maior de alabastro, etc. N'outro tumulo, além d'espadas, e alguns objectos d'oiros, achou-se uma caixa de madeira, quadrangular, pequena, que tinha esculpidos em alto relevo um cão e um leão. Nos cinco tumulos já explorados, encontraram-se dois sceptros com mãos de cristal, duas corôas, tres mascaras d'oiros, um capacete do mesmo metal, utensilios de prata, algumas moedas d'oiros, de prata e de cobre, *nenhum objecto de ferro*. O Dr. Schliemann não tem duvida de assegurar, que estes cinco tumulos encerrem os restos dos Atridas, e alli se achem os ossos de Agamemnon e de Cassandra assassinados por Egistho e Clytemnestra. Foi tambem o Dr. Schliemann que descobriu o thesoiro de Priamo, ou que se presume ser esse.

A municipalidade de Turim quiz inaugurar um grande monumento á memoria de Cavour; e pouco tempo depois da sua morte, abriu um concurso convidando todos os architectos italianos para estudarem um projecto condigno. Apareceram mais de cem concorrentes, com projectos magnificos, que a Camara pôz em exposição. O monumento foi confiado ao cavalheiro Dupré, esculptor florentino; e ha pouco tempo inaugurado: custou 180:000\$000 rs. É um trabalho d'artista de talento (diz um jornal que temos á vista, e publica o desenho do monumento), cujo conjunto harmonioso ostenta grandeza; e se nem todas as suas partes são absolutamente felizes, nem por isso merece menos louvor. Tudo o que é linha, profil, ornamentação, está sobria e severamente estudado. A estatuaría foi habilissimamente tractada; e apenas se lhe poderão fazer algumas reservas, pelo que respeita a prome-nores da concepção.